ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

Reação contra a misoginia: a participação feminina nas culturas juvenis

DÄHNE, Caroline Loise [1]
JOVINO, Ione da Silva [2]
COUTO, Ligia Paula[3]

RESUMO – Nos últimos anos as pesquisas sobre juventude tem se acentuado, tornando possíve1 perceber que a necessidade dos indivíduos de se integrarem em grupos está cada vez maior. O crescente número desses grupos, também conhecidos como "Tribos Urbanas" propicia uma discussão acerca da participação feminina, que muitas vezes, parece invisível perante a predominância masculina. O projeto de extensão intitulado: “Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais” desenvolvido por uma equipe multidisciplinar de professoras, egressas e graduandas/os da Universidade Estadual de Ponta Grossa em parceria com a SETI-Pr, por meio do Programa *Universidade Sem Fronteiras*, subprograma *Diálogos Culturais*, tem como um dos focos a temática de gênero. Objetivamos um diálogo com e entre grupos de jovens das regiões periféricas da cidade de Ponta grossa, a partir do qual pretendemos descobrir qual é a participação feminina em algumas dessas tribos jovens e se a misoginia presente em muitos desses grupos as impedem de manifestar sua identificação com determinado estilo musical ou prática cultural, que é na maioria das vezes o fator responsável pela união intra-grupal juntamente com a estética corporal. Essas discussões juntamente com os outros focos do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais", pretendem levar às/aos jovens discussões sobre as relações de gênero e buscam estimular o reconhecimento e auto-afirmação de suas identidades, tanto individuais quanto coletivas.

PALAVRAS CHAVE – Relações de gênero; juventude; grupos urbanos.

Introdução

Ao buscar produções teóricas acerca de juventude, muitas vezes nos deparamos com estudos referentes a grupos juvenis urbanos, porém, em meio a vários artigos, teses, dissertações, há poucos que se referem a participação feminina nesses grupos que geralmente são considerados predominantemente masculinos.

Quando começamos a pesquisar sobre o universo juvenil é comum encontrarmos várias maneiras de compreender o jovem. Dayrell (2003) em seu texto “O jovem como sujeito social”, trabalha com diferentes concepções socialmente construídas que muitas vezes encaram o jovem de forma negativa. Uma delas é a juventude vista como um momento de transitoriedade, o que nega o presente vivido e se concentra na passagem para a vida adulta, outra é a visão romântica da juventude, que se caracteriza pela perspectiva de que é um período marcado pela irresponsabilidade, liberdade, pelo prazer. O autor também se refere a juventude vista como momento de crises, o qual é marcado pelos conflitos de personalidade e distanciamento da família. Diante desses modelos construídos ao longo dos tempos, o autor enfatiza a noção contemporânea de juventudes, no plural, pela qual se pode asseverar a existência de vários modos de ser jovem.

> Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada

[1] Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), carol.dahne@yahoo.com.br
[2] Professora do DEMET/UEPG e coordenadora do projeto “Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais”, ionejovino@terra.com.br
[3] Professora do DEMET/UEPG e coordenadora do projeto “Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais”, ligiapaula@yahoo.com

> grupo social vai lidar e representar esse momento. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também regiões geográficas, dentre outros aspectos (DAYRELL, 2003, p. 41-42).

Além de toda essa subjetividade ao tentar classificar o jovem e nos depararmos com diversas maneiras de ser jovem, encontramos em vários estudos a necessidade do jovem em se integrar a grupos culturais. Maffesoli (2000), em seu livro "O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa", diz que a pessoa só existe na relação com outro, o que reforça a idéia dessa necessidade da vivência em grupos: [...] "redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade" (MAFFESOLI, 2000, p. 114).

Diante do exposto acima buscamos em vários estudos acerca de diferentes grupos urbanos e a partir da participação das jovens no projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais", qual a participação feminina, e se e de que forma a misoginia está presente. Embora haja muitas publicações acerca de juventude e grupos juvenis, são escassas as produções bibliográficas que se preocupam em demonstrar a perspectiva de gênero feminino em meio às "tribos urbanas". Por um lado, quando algumas o fazem demonstram o quanto grande parte desses grupos está fechada à participação das jovens mulheres. Por outro lado, há que se ressaltar algumas produções que relatam a presença feminina, ainda que em menor número.

Na maioria das entrevistas relatadas nesses estudos é visível a exclusão da mulher devido a características atribuídas a elas como o "sexo frágil", em os comportamentos relativos a delicadeza, fragilidade e ligação sentimental, as impediria de entender e gostar de estilos musicais e vestuários que correspondam a agressividade, a força e a atitude que se pressupõe que a mulher não possua.

> E, se o *punk*, como vimos acima, é agressivo demais para comportar meninas, é com essa mesma agressividade que as *punks* reagem contra essa misoginia. As *riot grrrls* adotam um feminismo contundente e exaltado, numa crítica, e ao mesmo tempo uma redefinição, ao que comumente se espera de uma garota: comportada, meiga, frágil. (MELO, 2006, p. 2)

Também é possível perceber que quando as mulheres são aceitas no seio de um grupo predominantemente masculino, espera-se que elas assumam um comportamento onde não exibam em demasia sua feminilidade, onde assim seriam vistas como "quase iguais" pelos garotos da mesma tribo.

> Percebe-se a misoginia como uma estratégia de demarcação das diferenças intra-grupais. A exacerbação da misoginia reflete um conflito que visa colocar as garotas no seu devido lugar, ou seja, fora da cena. [...] Elas são rejeitadas, não são percebidas como iguais, a não ser, que se comportem como homens (PACHECO, 2006, p. 6).

Algumas tribos juvenis impõem o acesso mais restrito às mulheres, porém em todas se vê, em maior ou menor número, essa idéia de que a mulher não deve participar por sua condição de fragilidade presente no imaginário desses garotos. Segundo Miskolci (2005, p.15) somos educados para acreditar que "meninos são masculinos porque 'naturalmente' têm gestos brutos e são mais agressivos enquanto meninas seriam femininas por serem 'por natureza' delicadas e quietas". Ainda segundo o autor, o próprio uso de diminutivos em relação às meninas e de aumentativos em relação aos meninos reforçam a idéia de que elas são menos expressivas ou menos importantes. Em meio a esse imaginário social as jovens precisam buscar alternativas de reação contra a misoginia presente em práticas e grupos sociais e culturais juvenis. Mas sabemos que tal tarefa não é fácil, pois que depende da desconstrução de categorias sociais já cristalizadas. Tomando o hip hop como exemplo, podemos afirmar com base em Silva (1998, p.245) que "o fato de não possuirmos nenhum trabalho solo [feminino] de expressão no hip hop nacional se prende, portanto, não a talentos individuais, pois eles surgiram, mas às condições da discriminação que fazem do movimento local uma experiência sob a hegemonia masculina".

Objetivos

A partir dessa premissa da exclusão das mulheres ou de sua "invisibilidade" nos grupos juvenis, um dos objetivos do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais" tem nas relações de gênero um ponto temático importante. Assim, uma de nossas curiosidades referente a esse eixo temático do projeto, é perceber dentre os grupos de jovens participantes, quais são as "tribos urbanas" que têm representantes do sexo feminino, e qual a participação dessas meninas em seus grupos. Depois desse primeiro olhar acerca dessa participação, temos a intenção de incentivá-las a continuar buscando seu espaço nesses grupos e desmistificar a imagem de que a música juvenil não é coisa de mulher, seja ela rap, funk, punk, heavy metal, entre outras.

Com esse conhecimento que os jovens do projeto vão construir ao longo dele, esperamos que se abram mais espaços não só para a participação das jovens, mas também um espaço dialógico para o questionamento de posições e atitudes sexistas discriminatórias explícitas ou implícitas nas práticas culturais juvenis. Valores como o respeito às diferenças e promoção da igualdade de gênero devem ser trabalhados nas oficinas de modo que as jovens possam se sentir autorizadas a participar das tribos sem ter de deixar para trás suas características.

Metodologia

A metodologia do projeto se constitui em oficinas temáticas e sessões de diálogos onde entre outros temas, um dos focos será as relações de gênero. A partir das discussões das oficinas esperamos contribuir para que as/os jovens envolvidos no projeto possam multiplicar o conhecimento adquirido seja em suas comunidades ou seus grupos. Na questão de reproduzir o que foi aprendido nas oficinas em seus grupos, esperamos incentivar a participação feminina e apoiar as jovens para que possam agir significativamente na sociedade machista em que vivem.

Também será entregue uma câmera de vídeo a vários grupos participantes para que eles registrem suas impressões e vivências dentro do projeto. A interação com e entre essas/es jovens e as/os pesquisadoras /es será um benefício para os dois lados, já que os graduandos poderão a partir desse projeto extensionista estabelecer uma relação entre extensão e pesquisa por meio e a partir da produção de materiais para as oficinas temáticas, construir também subsídios para a atuação nos estágios e para a produção acadêmico-científica,seja para elaboração de trabalhos de conclusão de curso ou para programas de iniciação científica.

Por meio de todo o material que será produzido pelas/os jovens durante o projeto, quais sejam questionários, participação nas oficinas e documentário, pretendemos analisar e trabalhar as questões relativas às relações de gênero a partir das perspectivas e percepções apresentadas pelas/os integrantes dos grupos culturais participantes do projeto.

Resultados

Como o projeto ainda está em sua fase inicial, temos a expectativa de que a partir das realizações de 8 oficinas temáticas, de 8 sessões de diálogos sobre as oficinas e 3 atividades de interação cultural, as/os jovens possam realizar um documentário, assessoradas/os pelas/os bolsistas.

Esperamos promover a divulgação das produções culturais dos grupos juvenis da periferia da cidade, bem como a integração entre diferentes grupos culturais.

E também que a partir do que foi trabalhado no projeto, os graduandos possam produzir pesquisas de iniciação científica ou trabalho de conclusão de curso nas temáticas relacionadas ao projeto, neste texto enfatizamos as produções que serão feitas a partir da temática relações de gênero e suas interfaces com as culturas juvenis.

Conclusões

Apesar da conquista de novos espaços e visibilidade feminina, nas culturas juvenis elas ainda sofrem muito com o estereótipo de "sexo frágil" que causa certa misoginia que se revela principalmente nos discursos sexistas dos integrantes masculinos desses grupos.

A necessidade de novos estudos sobre o tema se constitui como uma forma de mostrar que há sim a participação feminina, e que essas garotas lutam pelo seu direito de ouvir e fazer as músicas que quiserem seja elas "agressivas" ou não. Um olhar para essa minoria que tem crescido cada vez mais e enfrentado essa restrição infligida pelos garotos, mostraria que elas não vão desistir tão fácil da busca pelo seu espaço e contribuiria para que os próprios grupos as aceitassem.

Esperamos que com nosso projeto de extensão possamos possibilitar uma reflexão acerca dessa temática e que ela se transforme num incentivo a participação feminina nas tribos urbanas juvenis.

Referências

BITTENCOURT, J. B. M. **"*Mosh* não é coisa de menina!": uma reflexão sobre a desigualdade entre gêneros nos shows de música *hardcore* na cidade de São Paulo**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Anais... Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/ Acesso em 20/05/2009.

DAYRELL, J. T. ***Juventude, grupos de estilo e identidade***. São Paulo, mimeo, 1999.

_____. ***O jovem como sujeito social***. Reunião Anual da ANPED, 25, 2002, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br Acesso em 10/09/2004.

JOVINO, I. S. **Escola: as minas e os manos têm a palavra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2005.

MAFFESOLI, **M. A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995.

_____.**O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MELO, E. I. ***Riot grrrl*: feminismo na cultura juvenil punk**. Anais do VII seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/ Acesso em 20/05/2009.

MISKOLCI, R. **Um corpo estranho na sala de aula.** In: ABRAMOWICZ, A. e SILVÉRIO, V. (org.). **Afirmando diferenças. Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2005. p.13-26

NEVES, S. F. S. "Um minuto de grito, um lugar de paz: mulheres jovens e o direito à palavra". In: Imaginário v.12, n.12. São Paulo, junho de 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/ Acesso em 20/05/2009.

PACHECO, L. T. "Som de macho": uma reflexão sobre identidade, masculinidade e alteridade entre os *headbangers.* Anais do VII seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/ Acesso em 20/05/2009.

PEREIRA, A . S. ***Gurias punks* em Porto Alegre: pistas para pensar questões de gênero nas culturas juvenis**. Anais do VII seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/ Acesso em 20/05/2009.

SAID, C. C. **O recado das minas: um olhar sobre a participação de jovens mulheres no movimento *hip-hop* de Belo Horizonte**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Anais... Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/

Acesso em 20/05/2009.

_____. **Os grupos musicais juvenis e a participação das jovens mulheres**. Anais do VII seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/ Acesso em 20/05/2009.

SILVA, J. C. G. **Rap na cidade de São Paulo: Música, etnicidade e experiência urbana**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP: Campinas, 1998.

WELLER, W. **A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível**. In: *Revista Estudos Feministas.* v. 13, n.1. Florianópolis, jan/abr de 2005.